Comunicar, educar, politizar: comunicação e educação como ferramentas para a concretização de uma cultura democrática participativa[1]

Flávia Corrêa PINTO[2]
Santiago CABALLERO[3]
Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, São Leopoldo, RS

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar a comunicação popular alternativa e a educação libertária como ferramentas capazes de proporcionar a consciência crítica para os indivíduos, de modo a estimular a constituição de uma cultura democrática participativa. A escola primária Kunumi Arete, localizada no Paraguai, é objeto de estudo utilizado para o desenvolvimento da pesquisa, uma vez que a escola adota práticas alternativas e libertárias de comunicação dialógica para formação educacional. Ademais, o projeto foi idealizado e implantado por um grupo autônomo de cidadãs locais. A pesquisa de campo foi obtida através das técnicas qualitativas de observação participante e entrevista em profundidade.

Palavras-chave: comunicação e educação; democracia participativa; movimentos sociais; cidadania, Paraguai.

Introdução

A participação ativa democrática do indivíduo em ações políticas sociais é fato que promove a cidadania e o desenvolvimento social, alcançando logros significativos para toda a sociedade. No entanto, as diferentes mudanças econômicas e políticas sofridas ao longo do tempo em muitos países da América Latina acabaram interferindo nas questões culturais dos povos latino-americanos. Sendo assim, uma cultura de participação popular em ações políticas públicas não é tão representativa.

A comunicação popular alternativa e a educação libertária são ferramentas que procuram promover a conscientização crítica dos sujeitos, uma vez que visam estimular o diálogo democrático em busca da inclusão e da participação popular em atividades de interesse público.

---

[1] Trabalho apresentado na Divisão Temática de Comunicação, Espaço e Cidadania, da Intercom Júnior – IX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Bacharel recém graduada em Comunicação Social (habilitação Publicidade e Propaganda) pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, email: flaviafcp@gmail.com

[3] Professor Mestrando do Curso de Ciências da Comunicação da Universidade Católica Nossa Senhora de Assunção - UCA, email: caballerosantiago@hotmail.com

Portanto, o presente artigo tem por objetivo analisar as condutas pedagógicas alternativas da escola primária Kunumi Arete, a fim de verificar a inter-relação entre comunicação e educação como ferramentas para construção de uma cultura democrática participativa.

Democracia e participação popular na América Latina: uma breve análise

O regime democrático participativo é uma conduta política que envolve a participação coletiva da população nas ações políticas sociais expressivas. Através da participação crítica e voluntária dos indivíduos nos procedimentos políticos, a democracia pode ser efetiva e igualitária.

> A democracia se baseia na generalização da autonomia social dos indivíduos, que implica o direito a participar em nome próprio na toma de decisões coletivas, em especial na primordial delas, a promulgação e revogação de leis. A democracia converte os indivíduos em portadores do sentido político da sociedade, em sujeitos, em protagonistas de ações significativas, não em meros repetidores de tradições de fundamento metahumano e inquestionável. O indivíduo-sujeito que protagoniza a democracia não é um entre muitos, se não cada qual e todos. (SAVATER, 1997 apud LIZCANO FERNÁNDEZ, 2006, p. 33, tradução nossa).

Embora Peruzzo (1999) acredite que a melhor via para alcançar logros significativos seja através da participação cidadã, a autora explica que grande parte dos cidadãos latino-americanos não possui o costume de exercer atividades participativas devido à falta de conscientização política da população, ao caráter político autoritário de muitos governos e a outros fatores que inibem a concretização efetiva da democracia participativa.

Na América Latina, o campo político da democracia é emblemático, visto que muitos países passaram por largos anos de ditadura militar autoritarista que reprimia a livre participação da população nas ações políticas sociais. Além do mais, Páez Montalbán (2006, p. 55, tradução nossa) salienta que "[...] o estabelecimento de regimes democráticos, ou o regresso da democracia em alguns países que os tinham, coincidiu com a implantação de políticas econômicas neoliberais e seus desastrosos efeitos sociais".

Da mesma forma, García Canclini (2001) afirma que o avanço da globalização neoliberal impulsionou a migração dos campesinos às metrópoles em busca de trabalho, a marginalização, a pobreza, o aumento do consumo, os baixos níveis de educação, o processo de industrialização da cultura e outros problemas que seguem afetando muitos países da América Latina. Sendo assim, o caráter de participação política dos indivíduos

latino-americanos foi sendo suprimido ou inibido ao longo do tempo. Neste contexto, a desigualdade social que os povos latino-americanos vivenciam é evidente, conforme podemos observar na passagem abaixo.

> Na sociedade moderna, os cidadãos são membros de uma sociedade política baseada no sufrágio universal e na qual todos são iguais perante a lei. No entanto, isso nem sempre se dá na prática. No caso do Brasil e de outros países latinoamericanos, por exemplo, ter direito à educação, à propriedade privada e aos bens de consumo coletivo é uma coisa, mas ter acesso real e efetivo a tudo isso são outros quinhentos... (PERUZZO, 1999, p. 286).

Concomitante a isto, identifica-se que a ação influenciadora dos meios massivos de comunicação é um dos fatores que impede a concretização da cultura democrática participava na América Latina, uma vez que eles possuem um poder altamente persuasivo devido à capacidade de mediar na produção de imaginários dos indivíduos. Ademais, a intervenção pretensiosa do Estado e dos setores privados nos meios de comunicação é alvo constante de críticas. Na compreensão de Sousa (2006), a Comunicação Social transformou-se o palco dos "espetáculos teatrais" da política contemporânea. O autor ainda sinala que os políticos com maior sucesso são aqueles que conseguem apropriar-se das vantajosas capacidades linguísticas dos meios midiáticos.

> Ou seja, os meios de comunicação de massa basicamente dirigem a temática da sociedade civil, seja através da negação da informação, seja através da permanente presença dos interesses políticos e econômicos da classe dominante. (MARTÍN-BARBERO, 1980 apud MERINO UTRERAS, 1988, p. 14, tradução nossa).

Embora haja dificuldades que inviabilizam a ascensão da democracia participativa, a conscientização do indivíduo é a condicional que proporciona o aprimoramento de valores e ideais críticos que possam conduzi-lo à participação popular, na busca de políticas sociais mais assertivas. Deste modo, destacam-se a comunicação popular alternativa e a educação libertária como ferramentas que visam alcançar a democratização da sociedade e a conquista da cidadania.

Comunicação e educação como ferramentas para a conscientização crítica

Os diferentes câmbios políticos, econômicos e culturais que foram ocasionados ao longo dos anos acabaram afetando muitos países da América Latina, e a desigualdade social

e a ausência do exercício da cidadania são consequências disso. No entanto, após a ditadura militar e durante as imposições do modelo neoliberal de globalização, Aranda Sánchez (2006, p. 63, tradução nossa) aponta que "[...] foram surgindo novos atores e identidades, e se formando uma cultura política alternativa sobre a base de uma diferente valorização da autonomia social e da distinta interação entre a sociedade e o sistema político". Sendo assim, o surgimento de associações, movimentos e organizações populares para a defesa dos direitos cidadãos e desenvolvimento da cidadania é cada vez mais crescente.

Neste contexto, identifica-se que a comunicação popular alternativa[4] surgiu no Brasil, a partir dos anos 1960, como forma de resistência às repressões do período ditatorial, segundo Festa e Silva (1986). Nessa época, movimentos sociais de caráter sindical, estudantil e até mesmo da população em geral davam voz ativa aos cidadãos, incluindo a participação popular na difusão da informação. Os movimentos sociais "[...] têm sua origem nas contradições sociais que levam certos setores ou todo um povo a buscar formas de conquistar ou reconquistar espaços democráticos negados pela classe dominante que está no poder", justificam Festa e Silva (1986, p. 12).

Atualmente, a comunicação popular alternativa se faz presente em muitos países da América Latina. Verifica-se que as demandas políticas e sociais são as que mais impulsionam a produção de conhecimento em comunicação no contexto latino-americano. Sendo assim, "Cabe sinalar que é no âmbito político onde a comunicação popular se define; porque a comunicação é parte e consequência de um modelo de desenvolvimento, de um estilo de vida e de uma concepção política das relações sociais". (MERINO UTRERAS, 1988, p. 16, tradução nossa).

O papel da comunicação popular alternativa é abrir espaços democráticos de diálogo e de expressão, de modo a alcançar a participação inclusiva da população e alavancar a construção da cidadania. Além disso, a comunicação alternativa abre espaço para a difusão da cultura popular e da valorização das relações humanas, como respeito e solidariedade. Para Pereira (2004, p. 2), a comunicação popular alternativa "Trata-se, portanto, de um assunto multidisciplinar, baseado nas experiências de vida de grupos sociais, repletos de diversidades, de conflitos de desejos de mudança, de esperança e de resistência".

[4] É importante ressaltar que, dependendo do autor, tal processo de comunicação pode ser denominado de "alternativo", "popular" ou "popular alternativo". Para Dornelles (2007), o "conceito alternativo" é uma contraposição ao modelo de comunicação massivo, e o "conceito popular" refere-se à inserção da participação cidadã nos processos de comunicação. No presente trabalho, as três formas serão utilizadas com o mesmo sentido.

O conteúdo essencialmente crítico da comunicação popular alternativa é evidente, uma vez que os espaços de discussões democráticas e de aprendizagens inclusivas são proporcionados através de atividades multidisciplinares culturais, conforme se pode constatar na passagem abaixo.

> A comunicação popular abre espaços para a transmissão de produtos da cultura e criatividade presentes na música, na canção, no desenho, na literatura, na poesia, na dramatização teatral, na medicina popular e em outras manifestações da própria população, de pessoas da localidade, que assim têm onde se expressar. (PERUZZO, 1999, p. 156-157).

Embora a comunicação popular utilize meios alternativos de comunicação, alguns meios massivos também são utilizados como as rádios comunitárias, por exemplo. Contudo, muitos aspectos da comunicação popular alternativa contrapõem as características dos meios massivos. "Mas todos concordam com o fato de ser um instrumento democrático, de conscientização, de mobilização, de educação política e manifestação cultural de um povo ou um grupo", justifica Pereira (2004, p. 3).

Tratando-se de comunicação e educação, há evidências concretas de uma correlação entre ambas as áreas. Freire (2009) acredita que a educação libertária, baseada no diálogo esclarecedor, é o método que melhor viabiliza a construção de uma consciência crítica. Para o autor, um câmbio é possível através da "Práxis que é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela é impossível a superação da contradição opressor-oprimido". (FREIRE, 2009, p. 46, tradução nossa).

A situação de desigualdade social proeminente das injustiças, das explorações e das opressões das classes dominantes faz com que o indivíduo não tenha consciência de seu estado de oprimido, uma vez que o comportamento dos oprimidos é um comportamento prescrito, e a prescrição é a imposição da opção de uma consciência a outra. Ou seja, para os oprimidos, "Seu ideal é, realmente, ser homens, mas para eles, ser homens, na *contradição* em que sempre estiveram e cuja superação não têm clara, equivale a serem opressores". (FREIRE, 2009, p. 30, tradução nossa, grifo do autor).

Enquanto os indivíduos viverem em uma realidade na qual "ser" é parecer, e parecer é parecer com o opressor, a situação de superação das desigualdades nunca acontecerá. Em contrapartida, Freire (2009), com sua pedagogia do oprimido, propõe que o trabalho se dê junto com as classes oprimidas por uma busca da liberdade.

> A educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que, de maneira consciente ou mistificada, tem sido prática de dominação. A prática da liberdade só encontrará adequada expressão numa pedagogia em que o oprimido tenha condições de descobrir-se e conquistar-se, reflexivamente, como sujeito do seu próprio destino histórico. (MARÍA FIORI, 2009, p. 11, tradução nossa).

Na passagem acima, a definição de educação libertária expõe a necessidade da ação de reflexão por parte dos indivíduos. A ação reflexiva só é alcançada mediante ao diálogo inclusivo e participativo, sem imposições de nenhuma parte ou setor. Neste contexto, Freire (2009) critica o método tradicional de educação e o caracteriza como concepção "bancária" da educação. "Na visão 'bancária' da educação, 'o saber', o conhecimento, é um dom daqueles que se julgam sábios aos que se julgam ignorantes", justifica Freire (2009, p. 73, tradução nossa). A pedagogia do oprimido de Paulo Freire foi basicamente trabalhada com adultos, com o objetivo de esclarecê-los de sua posição de oprimidos e ajudá-los na busca pela liberdade.

Através da comunicação popular alternativa e da educação libertária é possível viabilizar a conscientização crítica para alcançar os ideais democráticos do sujeito autônomo, indispensáveis para obter a concretização da democracia participativa.

> [...] a participação se torna não só um ato político, mas também educativo, na medida em que, por meio dela, se vão dando passos cada vez maiores. A ampliação da cidadania levará o homem e a mulher a serem, cada vez mais, sujeitos e não objetos da história. (PERUZZO, 1999, p. 287).

Em suma, os ideais da comunicação e da educação, se trabalhados juntos, podem conquistar logros significativos. A escola primária Kunumi Arete é exemplo de que educação libertária e comunicação dialógica são ferramentas inter-relacionadas para uma educação pedagógica alternativa.

Escola Kunumi Arete e a prática correlativa entre comunicação e educação[5]

A pesquisa de campo para realização do presente trabalho deu-se na escola primária Kunumi Arete[6], localizada no Paraguai, através de duas técnicas qualitativas de pesquisa: entrevista em profundidade e observação participante. A entrevista em profundidade

[5] Estudo realizado no Paraguai, durante intercâmbio estudantil, para entrega de trabalho parcial para a disciplina de Comunicação Alternativa, da UCA. Intercâmbio viabilizado pelo Programa de Mobilidade Mercosul, devidamente regulamentado e com equivalência entre ambas as universidades, UCA e UNISINOS. Período: segundo semestre de 2012.

[6] Contatos internet: facebook.com/KunumiArete e www.kunumiarete.org

permite que o pesquisador obtenha informações pertinentes ao assunto estudado que possam não estar documentadas, e a observação participante consiste na participação real do pesquisador na comunidade ou grupo pesquisado. (MARCONI; LAKATOS, 1999).

A primeira etapa desempenhada foi a entrevista em profundidade com Carola Vega, uma das idealizadoras e docentes da escola. Já a segunda etapa realizada foi a observação participante, ocorrida de 15 a 19 de outubro de 2012. Podemos constatar que ambas as técnicas possibilitaram melhor compreensão acerca do tema estudado e foram cruciais para obtenção dos objetivos indicados.

O propósito de tomar a escola primária Kunumi Arete como objeto de estudo deste trabalho deu-se pelo fato da escola adotar métodos pedagógicos alternativos e libertários de educação, que priorizam a comunicação dialógica e a transformação social, fato que vai de encontro às características da comunicação popular alternativa e da educação libertária.

A escola de educação primária Kunumi Arete, localizada no município de Areguá, Paraguai, foi fundada em março de 2012 com a proposta de promover uma educação diferenciada às crianças, valorizando práticas educacionais libertadores e recreativas. A iniciativa surgiu de um grupo autônomo formado por cinco cidadãs paraguaias, que se autointitulam como integrantes de um coletivo. O grupo se baseia em diferentes métodos pedagógicos alternativos, mas os principais são a pedagogia Waldolf[7] e a pedagogia de educação libertária de Paulo Freire (devidamente adaptada para crianças).

Cabe destacar que a escola não é reconhecida pelo Ministério de Educação e Cultura do Paraguai, embora o grupo autônomo já tenha providenciado os trâmites burocráticos para a legalização e reconhecimento do Estado. Vale ressaltar que a escola baseia-se no modelo de economia solidária[8] para manter-se financeiramente. Deste modo, o apoio de amigos, de colaboradores e de cada uma das famílias envolvidas é fundamental. Carola Vega ressalta que contribuições financeiras espontâneas são arrecadadas mensalmente para bancar os gastos da escola, como um salário mensal às duas professoras e despesas de água, luz, materiais escolares e higiênicos. Ademais, a escola não tem fins lucrativos e promove, regularmente, almoços para a comunidade, rifas, festas temáticas e outras atividades culturais para recolher fundos.

São muitas as características da escola Kunumi Arete. Primeiramente, a escola aceita somente crianças de três a oito anos de idade, e a quantidade de alunos está reduzida

[7] Método pedagógico idealizado pelo filósofo e educador austríaco, Rudolf Steiner (1861-1925).

[8] A economia solidária é fundamentada na produção coletiva e autogestionária, cujo um dos seus principais objetivos é promover a inserção igualitária dos cidadãos na sociedade, sempre buscando a transformação social. (MARTINS, 2008).

a dez crianças. Atualmente, há alunos matriculados até os seis anos e, portanto, não são separados por idade. Devido a pouca quantidade de alunos, uma educação mais dirigida às crianças é possível, lhes oferecendo mais atenção e valorização. Além disso, os alunos não são separados por idade nesta faixa etária, pois a pedagogia Waldolf fundamenta que as crianças mais velhas cuidam e ensinam as mais novas. As aulas acontecem de segunda a sexta-feira, das 8h às 12h.

Segundo o método pedagógico Waldof, crianças até os seis anos não estão preparadas para receber tarefas impostas e seguir uma rotina de aprendizagem linguística e intelectual. Portando, na escola Kunumi Arete, os alunos somente brincam e não possuem uma disciplina imposta pelas professoras.

> O entorno, pois, deve oferecer ao pequeno abundantes elementos positivos para serem imitados e oportunidades para o jogo criativo. Isso sustenta na atividade central dos seus primeiros anos: o desenvolvimento de seu organismo físico. O desviar das energias da criança desta tarefa fundamental, para satisfazer prematuras demandas intelectuais, o priva da saúde e da vitalidade que necessitará para sua vida futura. Ao empurrá-lo à atividade intelectual nesta idade, se termina, de fato, debilitando precisamente as capacidades de juízo e de inteligência, práticas que se buscam desenvolver. (INTRODUÇÃO ..., [2012?], tradução nossa).

Segundo Carola Vega, este método de aprendizagem deixa o aluno mais livre e possibilita a livre participação nas atividades de seu interesse. Através dos jogos, valores básicos como respeito, coletividade e criatividade são subjetivamente emergidos a todo o momento. Complementando, para Cotallo (2011 apud Castillo, 2011, tradução nossa) “O aprendizado segue a direção dentro-fora e não ao contrário, marcado pelo impulso e interesse da criança, que desenha o espaço educativo. Ninguém os ensina a ler ou escrever, chegam a todas as metas (ou a nenhuma) brincando e não são separados por idade”.

Maior parte do tempo as crianças brincam no pátio da escola, num espaço livre e aconchegante que possibilita o contato com a natureza e o desenvolvimento da criatividade. Aparte, muitos dos brinquedos são feitos por eles mesmos de materiais reciclados. Além do mais, vale ressaltar que são duas professoras que estão sempre presentes auxiliando na educação dos alunos e estimulando-os através dos jogos. “Não existe a imagem unidirecional e de autoridade do professor do sistema tradicional”, complementa Cotallo (2011 apud Castillo, 2011, tradução nossa).

Figura 1 - As duas professoras auxiliam os alunos com seus trabalhos recreativos.

Fonte: Foto da autora (2012).

Não há uma disciplina imposta. Há somente dois horários a cumprir: um às 10h, que é o horário da merenda, e depois a hora do conto que não possui um horário definido. Na hora do conto, as professoras estimulam as crianças a criarem suas próprias histórias.

Figura 2 - Espaço recreativo e de leitura.

Fonte: Foto da autora (2012).

> Todos esses métodos alternativos, ainda que com suas peculiaridades, oferecem uma educação mais personalizada, mais criativa e mais potencializadora do talento dos alunos. Em geral, estão baseados na motivação e não na obediência, na personalização da educação, em ver cada criança como ser único. (MEDINA, 2011 apud CASTILLO, 2011, tradução nossa).

Figura 3 - Maior parte do tempo as crianças brincam no pátio da escola Kunumi Arete.

Fonte: Foto da autora (2012).

A pedagogia Waldolf é a rede independente de educação que mais cresce no mundo todo, segundo explica Mizoguchi (apud FEDERAÇÃO..., [2012?]), secretária executiva da Federação das Escolas Waldorf no Brasil. Para Carola Vega, uma das idealizadoras da escola Kunumi Arete, alunos que têm a oportunidade de receber uma educação tão diferenciada possuem um caráter muito distinto de todas as outras crianças. Vega percebe nos alunos um forte instinto indagador e curioso devido à liberdade de expressão que recebem na escola. Além disso, para ela, é evidente que o caráter crítico é muito bem explorado, pois é perceptível a evolução dos conhecimentos das crianças.

Em relação ao método de avaliação dos alunos, Vega afirma que as professoras avaliam os aprendizados através de registros fotográficos e anotações feitas por elas mesmas, enquanto os alunos brincam e aprendem. As professoras sempre estão com máquinas fotográficas prontas para tirar fotos que sejam interessantes para montar um informe explicativo. Uma apresentação das atividades realizadas pelas crianças é exibida em reuniões regulares com os pais, para que eles conheçam e possam acompanhar o aprendizado educacional de seus filhos.

Vega ressalta que um dos objetivos da escola é promover a interação das crianças com a comunidade e vice-versa. A professora sinala que a cultura local é sempre introduzida nas atividades de modo a estimular o interesse das crianças. Outro fato

importante é que a escola prioriza as conexões e relações entre as crianças e os adultos, na vida pessoal, familiar e comunitária.

O diálogo participativo e inclusivo entre os alunos é fundamental. Na escola Kunumi Arete, a comunicação entre as próprias crianças é estimulada e muito valorizada. Através desse diálogo inclusivo e democrático, a educação de valores e ideais promovem a conscientização, uma vez que "A consciência é consciência do mundo: o mundo e a consciência, juntos, como consciência do mundo, se constituem dialeticamente num mesmo movimento, numa mesma história. Noutras palavras: objetivar o mundo é historializar-lo, humanizar-lo". (MARÍA FIORI, 2009, p. 20, tradução nossa).

De um modo geral, Naranjo (apud Castillo 2011) salienta que é lamentável que os métodos pedagógicos alternativos não sejam implantados na maioria das escolas, alterando o sistema tão fechado em aula e tão centrado na aprendizagem lógica e linguística para um sistema de educação mais aberto à natureza, à vida, ao movimento e aos diferentes tipos de inteligências e talentos. Em relação a tal aspecto, Freire (2009) acredita que os métodos alternativos não são convenientes para as classes opressoras, uma vez que

> O opressor sabe muito bem que esta "inserção crítica" das massas oprimidas, na realidade opressora, em nada pode lhes interessar. O que sim lhes interessa é a permanência delas no seu estado de imersão, no qual, de um modo geral, se encontram impotentes frente à realidade opressora, como situação limite que aparece como imóvel. (FREIRE, 2009, p. 47, tradução nossa).

Portando, verifica-se que a educação libertária estimula a comunicação dialógica entre aluno e o meio, para que ele possa ser consciência do mundo, uma vez que "expressar-se, expressando o mundo, implica comunicar-se", segundo María Fiori (2009, p. 23, tradução nossa).

Identificamos que tal conscientização é fundamental para alcançar a participação popular efetiva em ações políticas sociais coletivas, com o propósito de lograr benefícios mútuos à sociedade. No entanto, Páez Montalbán (2006) afirma que a democracia participativa só poderá ser totalmente efetiva quando houver uma cultura democrática com a participação de todos os atores sociais envolvidos. Para o autor, fica claro que o desenvolvimento de tal política requer tempo.

Em última análise, podemos constatar que a construção de uma cultura democrática pode ser alcançada através de uma educação libertária baseada no discurso aberto,

democrático e inclusivo, de modo a promover a participação efetiva, a transformação social e o desenvolvimento da cidadania.

Considerações finais

Em tempos difíceis, quando há dúvidas a respeito da validez de modelos teóricos e desencanto com as condutas globais de economia, política e cidadania, refletir sobre comunicação alternativa e educação libertária parece algo utópico, inalcançável e sem perspectivas. No entanto, verifica-se que o tema é de extrema importância para todos que acreditam em uma nova sociedade, cujos sinais já estão em gestão e ascendência.

Podemos observar que as mudanças e as lutas sociais aparecem em meio aos processos de globalização que se mostram ora positivos e ora negativos. É evidente que há muitas barreiras que inibem a participação efetiva do cidadão em condutas políticas sociais mais expressivas. Da mesma forma, percebe-se que o sistema muitas vezes não valoriza o indivíduo como sujeito único capaz de representar um papel significante de agente transformador.

Neste contexto, a participação cidadã de sujeitos motivados e preocupados com as situações presentes na sociedade é fundamental para alcançar logros significativos. Sendo assim, a formação de organizações, grupos e movimentos sociais autônomos em prol de benefícios mútuos mais assertivos também é de extrema importância.

A escola primária Kunumi Arete, idealizada e organizada por um coletivo autônomo de cidadãs paraguaias, é exemplo inspirador da luta social por uma educação mais libertadora. A preocupação com o futuro das crianças, objetivando sempre a interação social democrática dos alunos, é algo que se destaca na escola. Como se pode observar, a escola prioriza práticas alternativas de comunicação dialógica entre alunos, professores, família e comunidade. A liberdade dos alunos da escola possibilita o desenvolvimento criativo sem barreiras maiores. As professoras auxiliam os alunos nas atividades recreativas, mas a construção do ambiente educacional é, na maior parte, dirigida pelos próprios alunos.

Identifica-se que um dos propósitos da escola Kunumi Arete é possibilitar a construção de uma cultura em que a participação efetiva seja uma atividade presente na vida futura das crianças que aprendem com uma educação libertadora. Além do mais, verifica-se que a prática da comunicação alternativa na escola é evidente, uma vez que o

campo interdisciplinar da comunicação estima o diálogo aberto inclusivo que respeita as diversidades presentes na sociedade.

Em suma, constatamos que as desigualdades sociais, políticas e econômicas vivenciadas na América Latina são condicionais que possibilitam o impulso necessário para seguir firmemente acreditando na luta pela transformação social.

Referências bibliográficas

ARANDA SÁNCHEZ, José María. Reflexiones teóricas y conceptuales para el análisis del movimiento ciudadano en América Latina. In: LIZCANO FERNÁNDEZ, Francisco (Coord.). **Entre la utopía y la realidad.** Enfoques para una reinterpretación histórica y conceptual de la democracia en América Latina. 1. ed. Toluca: Universidad Autónoma del Estado de México; México, D. F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006. p. 63-105.

CASTILLO, Ángeles. **La nueva forma de aprender.** [S.l]. 29 out. 2011. Disponível em: <http://smoda.elpais.com/articulos/la-nueva-forma-de-aprender/302>. Acesso em: 28 out. 2012.

DORNELLES, Beatriz. Divergências conceituais em torno da comunicação popular e comunitária na América Latina. **E-Compós:** revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, [Porto Alegre], v. 9, p. 1-18, ago. 2007. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/view/176/177>. Acesso em: 31 out. 2012.

FEDERAÇÃO DAS ESCOLAS WALDOLF NO BRASIL. São Paulo, [2012?]. Disponível em: <http://www.sab.org.br/fewb/>. Acesso em: 29 out. 2012.

FESTA, Regina; SILVA, Carlos Eduardo Lins da (Orgs.). **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil.** São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogía del oprimido.** 3. ed. 1. reimp. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2009.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos:** conflitos multiculturais da globalização. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

INTRODUCCIÓN a la pedagogía Waldolf. [S.l], [2012?]. Disponível em: <http://eltrigal.org/pedagogia-waldorf.htm>. Acesso em: 28 out 2012.

LIZCANO FERNÁNDEZ, Francisco. Acerca de la absurda y tendenciosa contraposición entre democracia formal y democracia sustancial. In: LIZCANO FERNÁNDEZ, Francisco (Coord.). **Entre la utopía y la realidad.** Enfoques para una reinterpretación histórica y conceptual de la democracia en América Latina. 1. ed. Toluca: Universidad Autónoma del Estado de México; México, D. F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006. p. 15-49.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa.** 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARÍA FIORI, Ernani. Aprender a decir su palabra. El método de alfabetización del profesor Paulo Freire. In: FREIRE, Paulo. **Pedagogía del Oprimido.** Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores Argentina, 2009, 3. ed., 1. reimp. p. 11-26

MARTINS, Marina Rodrigues. Participação e comunicação como ações coletivas nos empreendimentos solidários. **Cadernos IHU.** São Leopoldo, ano 6, n. 24, 2008. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/images/stories/cadernos/ihu/024cadernosihu.pdf>. Acesso em: 31 out. 2012.

MERINO UTRERAS, Jorge. **Comunicación popular, alternativa y participatoria.** 1. ed. Quito: Editorial Quipus, 1988.

PÁEZ MONTALBÁN, Rodrigo. Espacios imaginarios de la democracia. In: LIZCANO FERNÁNDEZ, Francisco (Coord.). **Entre la utopía y la realidad.** Enfoques para una reinterpretación histórica y conceptual de la democracia en América Latina. 1. ed. Toluca: Universidad Autónoma del Estado de México; México, D. F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 2006. p. 51-61.

PEREIRA, Lúcia Helena Mendes. **Comunicação popular:** para além do bem e do mal. [Rio de Janeiro], 2004. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-lucia-comunicacao-popular.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2012.

PERUZZO, Cicilia Krohling. **Comunicação nos movimentos populares:** a participação na construção da cidadania. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

SOUSA, Jorge Pedro. **Elementos de teoria e pesquisa da comunicação e dos media.** 2. ed. rev. e ampl. Porto, 2006. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/sousa-jorge-pedro-elementos-teoria-pequisa-comunicacao-media.pdf>. Acesso em: 28 out. 2012.